
BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
e Centro de Estudos Sociais

Palavras de abertura

7

PROVAVELMENTE, Marx definiu melhor que ninguém o que é a Teoria Crítica quando, num texto de 1843, a caracterizou como sendo a «autoclarificação das lutas e das aspirações de uma época». Nesta definição, a teoria crítica afirma duas diferenças em relação à teoria não crítica: uma diferença epistemológica apenas implícita e uma diferença política que é a preocupação central de Marx. Só no início do nosso século, nos anos 20, estas duas diferenças são pensadas conjuntamente quando um grupo de intelectuais alemães — a Escola de Frankfurt — populariza a expressão teoria crítica — *kritische Theorie* — para designar uma abordagem nova e inovadora do Marxismo. São duas as preocupações principais destes intelectuais. Por um lado, criticar a teoria tradicional ou convencional que procurava conquistar a sua cientificidade pela emulação dos métodos das ciências sociais, uma abordagem que pejorativamente designavam por positivista. E, por outro lado, reivindicar a natureza da sociedade como uma totalidade histórica, a qual deve ser analisada objectivamente, mas não neutralmente, já que a ciência deve comprometer-se com o processo de transformação social. A novidade desta concepção era, por um lado, a

sua interdisciplinaridade e, por outro lado, o seu propósito de aplicar as técnicas de investigação empírica das ciências sociais para as pôr ao serviço da crítica da sociedade capitalista e dos processos de transformação social.

Desde então, a teoria crítica passou ela mesma por muitas transformações. A própria Escola de Frankfurt passou por várias fases. No final dos anos 30, a crítica da cultura de massas e das indústrias culturais, combinada com a experiência do nazismo e do comunismo, produziu uma atitude de grande pessimismo cultural e político. Nos anos sessenta, sob a liderança de Habermas, a teoria crítica de Frankfurt sofre uma profunda revisão para lhe permitir abarcar e criticar as novas formas do capitalismo avançado, o que implica uma crítica profunda do próprio marxismo e o recurso a outras tradições teóricas. Mas, ao longo destas décadas, a teoria crítica cresceu muito para além da Escola de Frankfurt, da Europa, do marxismo. Prolongou-se em múltiplas abordagens em muitas comunidades científicas nas diferentes ciências sociais e nas humanidades, incorporou uma série de diferentes tradições teóricas analíticas e metodológicas. E a tal ponto que se tornou difícil definir os contornos da teoria crítica, seja ela uma sociologia crítica, uma antropologia crítica, uns estudos literários ou estudos culturais críticos.

Pese embora estas dificuldades, é possível identificar alguns dos traços característicos da teoria crítica. Primeiro, uma preocupação epistemológica com a natureza e validade do conhecimento científico, uma vocação interdisciplinar, uma recusa da instrumentalização do conhecimento científico ao serviço do poder político ou económico. Segundo, uma concepção da sociedade que privilegia a identificação dos conflitos e dos interesses. Com isso, invoca uma avaliação negativa do que existe ao denunciar as mistificações ideológicas e os conflitos de interesse e de poder que se escondem no interior de relações sociais aparentemente transparentes, consensuais, naturais. Terceiro, um compromisso ético que liga valores universais aos processos de transformação social e que assim confere à teoria crítica uma aspiração utópica.

A vinculação da teoria crítica à denúncia do que existe e à busca de alternativas por via da transformação social, combinada com a aceleração do tempo histórico no nosso século, foi responsável pelo grande dinamismo dessa teoria. Esta esteve sempre desde o início em processo de reinvenção.

Portanto, se hoje falamos de reinvenção, parece não haver, à partida, nada de novo. Mas há, de facto, algo de

novo que leva a que o tema do nosso colóquio assuma uma importância especial. Noutra altura, neste colóquio, analisarei em detalhe as razões da nossa condição. Por agora, basta referir que hoje parecem estar em causa os próprios fundamentos da teoria crítica. Em primeiro lugar, a crença na razão e na racionalidade científica que subjaz à teoria crítica está hoje abalada. Em nome dessa razão e dessa racionalidade, produziram-se resultados perversos, se não mesmo irracionais, que desacreditaram o mérito dessa crença. Em segundo lugar, durante muito tempo a grande transformação social almejada pela teoria crítica teve um nome, o socialismo. O descrédito, final ou não, por que passa este objectivo é de tal maneira grande que parece arrastar consigo o colapso de qualquer ideia de transformação social planeada. Em terceiro lugar, os valores universais que mereceram o compromisso da teoria crítica afiguram-se hoje bem menos universais, quer porque a sua aplicação é escandalosamente limitada, quer porque são confrontados com valores rivais provenientes de outras culturas. Em quarto lugar, a funcionalização da ciência nunca foi tão grande e o seu uso instrumental pretende transformar-se no modo hegemónico da inserção da ciência no mundo contemporâneo.

Estes factores parecem pôr em causa a própria existência da teoria crítica. No entanto, vista da perspectiva dos problemas e dos conflitos que as sociedades contemporâneas estão a enfrentar, a teoria crítica parece hoje mais urgente e relevante do que nunca. É por isso que nos encontramos numa situação intrigante, que pode formular-se numa pergunta: vivendo nós, no final do século, num mundo onde há tanto para criticar, porque se tornou tão difícil formular uma teoria crítica?

O desconforto, o inconformismo e a indignação perante o que existe tem sempre fundado o impulso para teorizar a sua superação e essa tem sido a missão da teoria crítica. Tal desconforto, inconformismo e indignação são hoje detectáveis, mas ou existem sob camadas aparentemente inexploráveis de alienação — o que retira credibilidade à denúncia do que existe — ou manifestam-se por formas que não são reconhecíveis pela tradição da teoria crítica (rupturas totais, religiosas ou milenaristas).

A perplexidade resulta do facto de não faltarem no mundo de hoje situações ou condições que nos suscitem desconforto ou indignação e nos produzam inconformismo. Basta rever até que ponto as grandes promessas da modernidade

permaneceram incumpridas ou o seu cumprimento redundava em efeitos perversos. Tais promessas, sejam elas a da igualdade, da liberdade ou da paz perpétuas, não só permanecem incumpridas, como parecem hoje mais longe de ser cumpridas do que antes. E, no entanto, as dificuldades em formular uma teoria crítica que dê conta desta situação e formule alternativas são hoje igualmente maiores que nunca.

Isso me leva a pensar que estamos hoje numa situação complexa que se pode formular do seguinte modo: continuamos a enfrentar problemas modernos para os quais, no entanto, não temos soluções modernas.

Os temas que vão ser abordados e debatidos nestes dois dias ilustram bem esta nossa condição. A reinvenção da teoria crítica passa, pois, pelas soluções inovadoras que formos capazes de dar para os problemas que enfrentamos em cada um dos temas escolhidos.

Vamos, certamente, confrontar posições distintas nesta matéria. Alguns de nós entenderão que deixou de haver lugar para a teoria crítica, enquanto outros entendem que ela afinal está de boa saúde e não necessita de qualquer processo profundo de reinvenção. Outros ainda entenderão que o que é problemático na teoria crítica é querer ser uma teoria, uma totalidade intelectual capaz de dar conta e sentido de grande variedade do que acontece. Outros preferirão falar de teoria crítica moderna e insistirão que o que está em crise e necessita de reinvenção não é a componente crítica da teoria crítica, mas a componente moderna da teoria crítica moderna. Entre os que assim formulam a questão, ainda uns insistem em que a modernidade é problemática apenas porque continua a ser um projecto incompleto, havendo que completá-lo, enquanto outros defendem que a modernidade é parte do problema da teoria crítica, mas não parte da sua solução. Para estes últimos, o projecto da modernidade, mesmo se incompleto, não pode ser completado nos seus próprios termos. Há que buscar os sinais de outro paradigma e com eles alumiar as veredas inseguras da transição paradigmática.

Finalmente, outros preferirão propor que o que precisa de revisão profunda não é nem o carácter teórico, nem o carácter crítico, nem sequer o carácter moderno, mas antes o seu carácter ocidental, já que foi este que conferiu arrogância à teoria crítica e fez com que ela contribuisse para o próprio problema que denunciara e cuja solução buscara: a supressão de alternativas quando os modelos de inteligibilidade e de transformação se pretendem universais e totais.

Não esperamos que no final deste colóquio tenhamos reinventado a teoria crítica. Basta-nos, para dar o nosso esforço por merecido, que no final do colóquio esteja bem firme em cada um de nós a convicção de que a tarefa de reinvenção da teoria crítica é uma das mais urgentes e importantes que podemos enfrentar na transição do milénio. Ganhar forças para a realização dessa tarefa é a razão principal deste nosso encontro. ■